

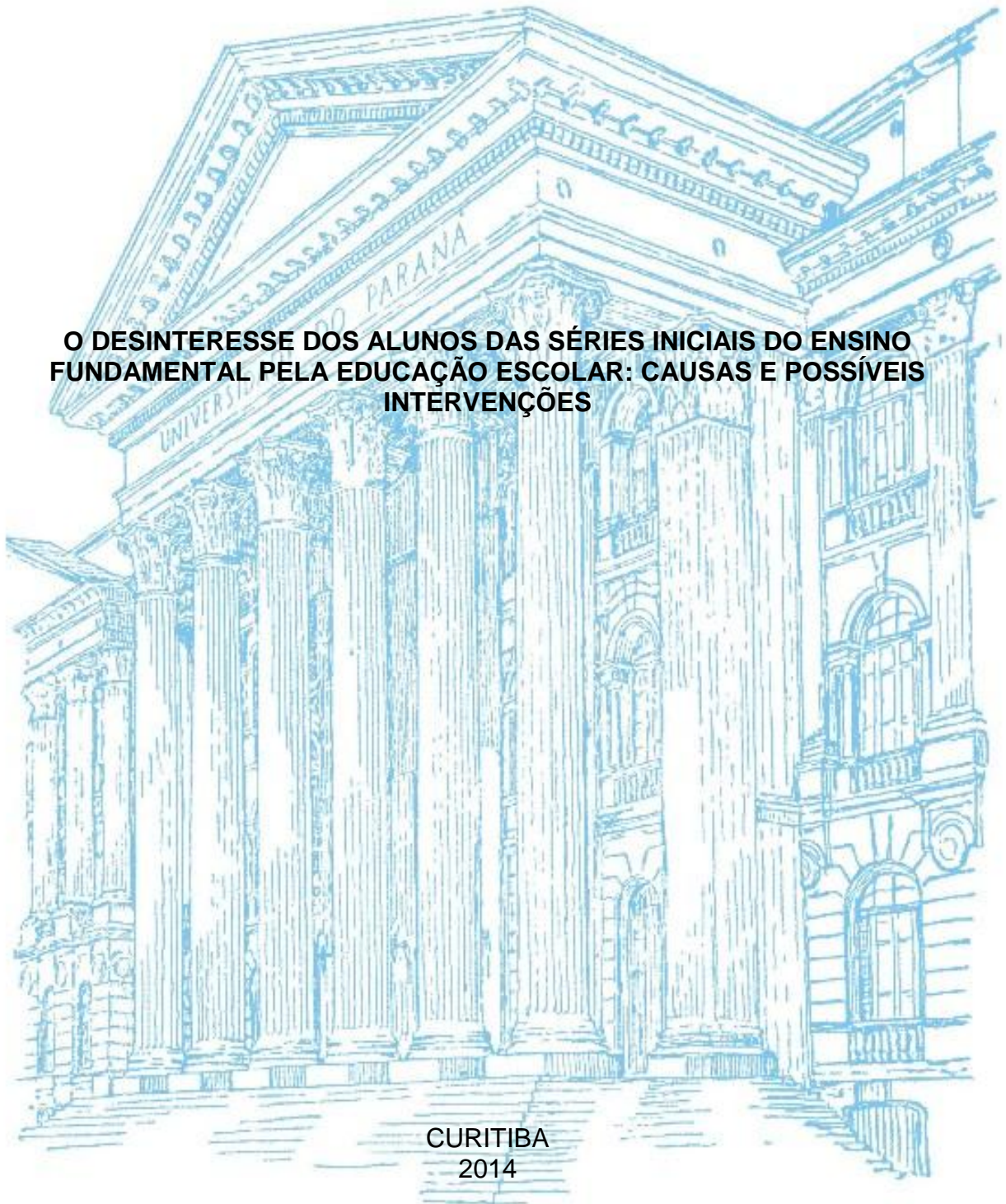
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

JOSIANE CIPRIANO DA SILVA TONCHE

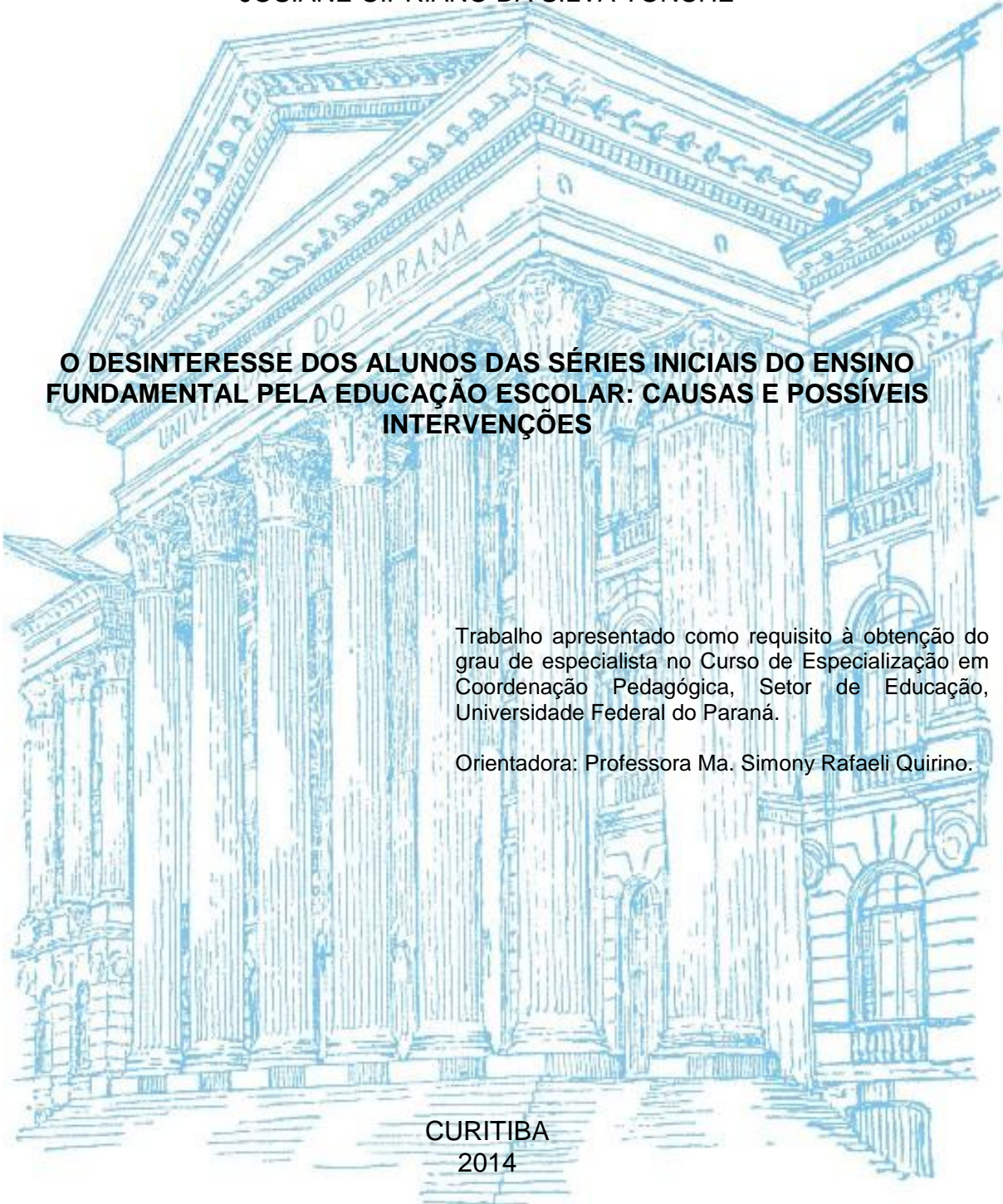
**O DESINTERESSE DOS ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL PELA EDUCAÇÃO ESCOLAR: CAUSAS E POSSÍVEIS
INTERVENÇÕES**

CURITIBA
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

JOSIANE CIPRIANO DA SILVA TONCHE



**O DESINTERESSE DOS ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL PELA EDUCAÇÃO ESCOLAR: CAUSAS E POSSÍVEIS
INTERVENÇÕES**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Professora Ma. Simony Rafaeli Quirino.

CURITIBA
2014

SUMÁRIO

Introdução.....	05
Motivação: um importante fator para a aprendizagem.....	05
Causas do desinteresse dos alunos pela educação escolar.....	07
Contexto da escola pesquisada.....	08
Visão dos professores sobre o desinteresse dos alunos pela educação escolar.....	10
Categoria A: Motivação e Aprendizagem.....	11
Categoria B: Fatores que podem levar o aluno ao desinteresse pelas aulas.....	12
Categoria C: O trabalho do professor em sala de aula e sua interação com os alunos.....	14
Considerações finais	16
Referências Bibliográficas	19

O DESINTERESSE DOS ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL PELA EDUCAÇÃO ESCOLAR: CAUSAS E POSSÍVEIS INTERVENÇÕES

JOSIANE CIPRIANO DA SILVA TONCHE¹

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de compreender as razões do desinteresse dos alunos do Ensino Fundamental – séries iniciais pela educação escolar. Para isso foram aplicados questionários aos professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada no município de Jundiaí do Sul/ Paraná. Para a análise dos questionários foram criadas categorias de análise, a partir da reflexão das respostas obtidas, frente ao referencial teórico abordado na pesquisa, sendo abordada a visão dos professores sobre a motivação e aprendizagem, os fatores que podem levar o aluno ao desinteresse pelas aulas e o trabalho do professor em sala de aula e sua interação com os alunos. Pode-se verificar por meio das respostas dos professores que as principais razões do desinteresse desses alunos são a política falha do sistema educacional do país, a desvalorização do trabalho do professor, as condições de infraestrutura inadequadas nos prédios escolares, os métodos de ensino impróprios e inadequados, o sistema de aprovações que privilegia a quantidade sobre a qualidade, além de carências afetivas, deficiências nas condições de nutrição, habitação, higiene e de saúde das famílias, falta de estímulo cultural, lúdico e psicomotor e problemas nas relações familiares, falta de comprometimento da família e do próprio aluno, dificuldades de aprendizagem e a evasão escolar. Assim sendo, é necessário que se introduzam mudanças nas condições de funcionamento da escola, na prática adotada pelos professores, buscando conseguir a adesão da família para sua tarefa de desenvolver nos educandos atitudes positivas e duradouras com relação ao aprender e ao educar, para que todos os alunos obtenham sucesso no aprendizado, independentemente de sua condição econômica ou social.

Palavras-Chave: Desinteresse; Motivação; Relacionamento professor/aluno; Educação escolar.

¹ Artigo produzido pela aluna Josiane Cipriano da Silva Tonche do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora mestra Simony Rafaeli Quirino. E-mail: Josiane_tonche@hotmail.com.

Introdução

O presente trabalho surgiu da necessidade de descobrir as razões do desinteresse dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Vilma Vieira Pereira Marques, localizada no município de Jundiá do Sul/Paraná, apontado pelos professores como principal causa do baixo desempenho dos estudantes.

Nesse sentido, o tema estudado surgiu de uma inquietação que foi sendo construída ao longo da trajetória profissional da pesquisadora, aliada a alguns estudos relacionados, a muitos questionamentos, a incertezas e a grande necessidade de compreender, à luz da literatura científica, qual a real compreensão do docente envolvido nesse processo, face ao desinteresse dos alunos pelos conhecimentos escolares nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

É possível observar que esta questão é abordada em reuniões com pais, conselhos de classe, grupos de estudos e formação, conversas informais nos corredores e ambientes escolares, em que os professores ao relatarem sobre seus alunos que apresentam dificuldade de aprendizagem ou indisciplina, externam em suas falas que esses problemas em grande proporção são decorrentes da falta de interesse dos mesmos pelas aulas e pela escola.

Espera-se que ao final este trabalho corresponda ao proposto na temática, a qual defende a necessidade de averiguar quais são as causas que podem ou não levar os alunos ao desinteresse pelas aulas e, possivelmente, intervir apontando estratégias para solução deste problema, contribuindo para concretização de um ensino de qualidade em que todos os alunos sintam-se motivados em aprender.

Motivação: um importante fator para a aprendizagem

O processo de aprendizagem não ocorre de forma isolada, mas a partir da interação do sujeito com o meio ou com outros indivíduos. No que se refere a aprendizagem escolar é necessário haver motivação, tanto por parte de quem ensina quanto de quem aprende.

Um professor que é afetivo com seus alunos estabelece uma relação de segurança, evita bloqueios afetivos e cognitivos, favorece o trabalho socializado e ajuda o aluno a superar erros e aprender com eles. (...) Assim sendo, se o professor for afetivo com seus alunos, a criança aprenderá a lê-lo (CARNEIRO;SILVA; SCHNEIDER, 2007, p. 83).

Portanto, é preciso que o aluno esteja envolvido com os estudos, e que por sua vez, estes façam sentido a suas expectativas e metas. O mesmo pode-se falar dos professores, os quais precisam estar motivados com a profissão, para atingirem com êxito seus objetivos.

Embora o ser humano nasça potencialmente inclinado a aprender, necessita de estímulos externos e internos para que a aprendizagem ocorra. Vygostky (1991, p. 101) destaca que o pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções.

Assim sendo, no processo ensino-aprendizagem, a motivação deve estar presente em todos os momentos. Quanto a isso, Fita (1999, p.77), explica que muitas vezes dizemos que para o aluno ter motivação em aula é importante ter um bom professor. Para muitas pessoas, o bom professor é aquele que sabe motivar seu aluno.

Toda motivação deve estar relacionada a metas e objetivos, portanto, um bom professor possui metas de ensino, o que tornará o aluno motivado a aprender. Essas metas são desencadeadoras da conduta motivada, portanto, sem desejo e metas, não há motivação. Para haver aprendizagem é preciso haver a motivação (KNÜPPE, 2006 p. 281 *apud* HUERTAS, 2001, p. 256).

Fita (1999, p. 77) destaca ainda que a motivação é um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo.

Para Tapia (1999, p.19) é importante que as crianças aprendam algo que faça sentido, como descobrir por trás das palavras que se constroem significados conhecidos e experimentar o domínio de uma nova habilidade, encontrar explicação para um problema relativo a um tema que se deseja compreender.

Desta forma, o papel do professor é importante para a compreensão das múltiplas determinações da realidade social, na mediação entre o aluno e o conhecimento, na organização dos saberes científicos, dos objetivos e da metodologia.

Fita (1999, p.78) salienta que a própria matéria de estudo desperta no indivíduo uma atração que o impulsiona a se aprofundar nela e a vencer os obstáculos que possam ir se apresentando ao longo do processo de aprendizagem.

Causas do desinteresse dos alunos pela educação escolar

De acordo com Carneiro, Silva e Schneider (2007 p. 83), a afetividade e a motivação implicam diretamente no desenvolvimento emocional e afetivo, na socialização, nas interações humanas e, sobretudo, na aprendizagem.

Na educação escolar, nem sempre os alunos querem aprender. A obrigatoriedade da matrícula coloca-os nas salas de aula, eles tornam-se amigos de alguns de seus colegas e passam a querer ir à escola. Mas a busca do conhecimento tem sofrido ao longo da história da instituição social escolar certo desencanto que vem dar na dissolução do desejo de aprender e que não favorece o enigma (WACHOVICZ, 2009, p.18).

Para Zenti (2000, p. 134) são muitos os problemas causados pela desmotivação, no entanto, acredita-se que não existe uma receita mágica para fazer as aulas serem o foco de atenção das crianças. Porém, afirma que o professor com sensibilidade e energia talvez consiga enfrentar o desafio.

Estudos feitos sobre o tema revelam que muitos fatores contribuem para o desinteresse dos alunos: como número excessivo de alunos nas salas de aula, falta de recursos pedagógicos ou tecnológicos que despertem o interesse dos alunos ou quando estes existem não são utilizados de forma correta pelo professor, fatores internos do aluno como problemas emocionais ou psicológicos, a desestrutura familiar, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, a dificuldade de absorção do conteúdo passado em sala de aula, conflitos com colegas, desentendimento com professores e também a repetência do ano letivo (SILVA, 2012, p. 20).

Para Knüppe (2006, p. 277) as crianças, atualmente, vivem em uma sociedade repleta de atrativos que encantam e fascinam e que possibilitam obter informações por meio dos meios de comunicação, o que para eles é mais atrativo do que ir a escola que por sua vez não oferece a mesma motivação que a sociedade oferece.

A autora acrescenta que os professores devem mostrar aos seus alunos que estudar pode ser divertido. Porém, a maior dificuldade está em competir com os atrativos tecnológicos e os brinquedos que encantam as crianças e que na escola não existem.

Ao definir objetivos de aprendizagem, apresentar a informação, propor tarefas, responder a demanda aos alunos, avaliar a aprendizagem e exercer

o controle e a autoridade, os professores criam ambientes que afetam a motivação e a aprendizagem. Em consequência, se queremos motivar nossos alunos, precisamos saber de que modo nossos padrões de atuação podem contribuir para criar ambientes capazes de conseguir que os alunos se interessem e se esforcem por aprender e, em particular, que formas de atuação podem ajudar concretamente a um aluno (BINI; PABIS, 2008, p. 3 *apud* TAPIA, 2003, p. 14).

Contudo, a educação não é somente obrigação da escola, a legislação brasileira aponta a responsabilidade da família e do Estado no dever de orientar a criança em seu percurso sócio educacional. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.394/96 é bastante clara a esse respeito.

Art. 2º. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Entretanto, no contexto educacional, o que se observa é a falta de participação da família. É possível verificar que muitos pais chegam a sua casa após o trabalho e nem questionam os filhos sobre como foi seu dia na escola, se tem lição para fazer, ou seja, não cobram dos filhos o comprometimento em relação à tarefa escolar, acabam se ausentando deste papel. Os filhos por sua vez não dão valor ao aprendizado escolar, pois se não tem alguém que os cobre por isso não se sentem motivados para aprender.

Nesse contexto, cabe ao professor a função de estabelecer uma relação empática com os alunos, procurando conhecer seus anseios, interesses, formação e perspectivas futuras. A forma de se relacionar com eles é fundamental para o sucesso pedagógico, pois eles conseguem perceber se o professor gosta de ensinar e, principalmente, se gosta deles e isso facilita a sua prontidão para aprender.

Contexto da escola pesquisada²

A Escola Municipal Professora Vilma Vieira Pereira Marques está estruturada em dois ciclos divididos em 1º, 2º e 3º ano do primeiro ciclo de

² Destaca-se que os dados sobre a escola pesquisada foram obtidos no Projeto Político Pedagógico da mesma.

alfabetização e 1º e 2º ano do segundo ciclo de alfabetização, funcionando nos períodos matutino, vespertino e noturno (Educação de Jovens e Adultos – Fase I - 1ª Etapa - 600 horas e 2ª Etapa - 600 horas).

O prédio escolar é composto por oito salas de aula, uma dependência administrativa, sala de coordenação, biblioteca, sala de vídeo, laboratório de informática, sala de recursos, sala dos professores, sanitários masculinos, femininos e funcionários, despensa, cozinha e refeitório.

Possui profissionais contratados mediante concurso público municipal. Sendo estes: a diretora, pedagoga, quatorze professores regentes, um funcionário técnico administrativo e seis funcionários responsáveis pela área de manutenção da infraestrutura do ambiente escolar e alimentação.

A escola atende crianças na faixa etária entre 05 e 14 anos de idade nas séries iniciais do Ensino Fundamental, além dos alunos do Ensino Fundamental na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos cujo alunado varia entre 15 a 70 anos, totalizando 229 alunos.

Os alunos são oriundos de famílias em sua maioria de classe média-baixa, com economia que se vincula ao trabalho no campo denominando-se lavradores, agricultores e/ou trabalhadores rurais. Outras famílias são constituídas por funcionários públicos municipais, do comércio, autônomos ou que trabalham em cidades vizinhas.

A maioria dos pais não possui escolaridade, têm um baixo poder aquisitivo e uma renda familiar não muito instável, sendo beneficiários de programas dos órgãos governamentais. Nesse sentido, percebe-se que a maioria dos pais tem preocupação sobre a frequência dos filhos à escola para que não deixem de receber este benefício. Outros pais mais conscientes atribuem um enorme valor a educação escolar e a necessidade de proporcionarem aos seus filhos uma educação de qualidade que possibilite aos mesmos prosseguirem os estudos e no futuro terem uma profissão.

A instituição prevê mecanismos de interação entre famílias, escola e comunidade, respeitando a diversidade étnica, social e cultural, assegurando o direito da criança ao desenvolvimento da sua identidade e autonomia.

Visão dos professores sobre o desinteresse dos alunos pela educação escolar

Procurando verificar a percepção que os professores têm sobre o desinteresse dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Vilma Vieira Pereira Marques foram entregues questionários a treze professores efetivos, sendo doze do sexo feminino e um do sexo masculino. Tal questionário era composto por questões referentes aos dados pessoais dos respondentes e cinco perguntas abertas sobre o tema a ser investigado.

O quadro abaixo demonstra as características dos professores respondentes.

Formação	Nível Médio	Nível Médio e Licenciatura em Pedagogia	Nível Médio e Licenciatura em outras áreas da educação	Licenciatura em Pedagogia e Especialização	Licenciatura em Cursos na área de educação e Especialização
Nº de professores	02	03	---	06	02
Tempo médio de docência	Até 5 anos	De 5 a 10 anos	De 10 a 15 anos	De 15 a 20 anos	Acima de 20 anos
Nº de professores	02	02	---	03	06
Tempo médio de docência na escola	Até 5 anos	De 5 a 10 anos	De 10 a 15 anos	De 15 a 20 anos	Acima de 20 anos
Nº de professores	04	02	04	03	---

Quadro 1: Características dos professores respondentes.

Fonte: Questionários sobre as causas do desinteresse dos alunos do ensino fundamental - séries iniciais.

Analisando os dados acima é possível perceber que a maioria dos professores respondentes são mulheres e que estes são contratados de forma efetiva, cujo tempo de docência varia de 3 a 30 anos em diferentes escolas e níveis de ensino. O período de serviço na escola também é variável entre 1 a 20 anos. Além disso, o corpo docente em sua maioria possui formação em magistério e pedagogia.

Dos professores respondentes apenas dois se dedica exclusivamente a atividade docente na escola pesquisada, o que facilita o tempo para planejamento da vida profissional e pessoal, bem como o cuidado com a formação continuada. Os

demais trabalham na referida escola e em outras escolas municipais e estaduais. Diante disso é importante deixar claro que a sobrecarga de funções é algo que desmotiva o profissional docente gerando cansaço e mal-estar e afetando no processo de ensino.

Para a análise dos questionários foram criadas categorias de análise a partir da reflexão das respostas obtidas, bem como frente ao referencial teórico abordado na pesquisa.

Categoria A: Motivação e Aprendizagem

No registro das respostas quando questionados se consideravam a motivação um fator importante para que ocorra a aprendizagem, os treze professores foram unânimes em relatar que no processo ensino-aprendizagem é imprescindível que a motivação esteja sempre presente.

O posicionamento dos professores vem de encontro com o destacado por Pozo (2002, p.146) o qual argumenta que sem motivação não há aprendizagem.

Para dez dos professores respondentes, a motivação deve ocorrer primeiramente por parte do educador que deve sentir-se estimulado em ensinar e facilitar a construção do conhecimento, que a partir de suas atitudes deve induzir o aluno a desenvolver a motivação pelo conteúdo abordado em aula não como uma forma de recompensa para avançar para o próximo ano, mas para aprender a fazer uso dos conteúdos ministrados em sala de aula. Tal posicionamento está de acordo com o ressaltado por Pozo (2002, p.145) que salienta que a possibilidade que um professor tem de mover seus alunos para a aprendizagem depende em grande parte de como ele mesmo enfrenta sua tarefa de ensinar.

Cinco professores relataram que o professor que demonstra amor ao que faz, consegue despertar o interesse do aluno e, por consequência, motivá-lo a aprender, a prestar atenção nas aulas e a realizar as atividades propostas. O posicionamento dos professores está de acordo com Carneiro, Silva e Schneider (2007, p. 86) que destacam que a criança que se sente amada, aceita, valorizada e respeitada adquire autonomia e confiança e aprende a amar, desenvolvendo um sentimento de autovalorização e importância. A autoestima é algo que se aprende: se uma criança tiver uma opinião positiva sobre si mesma e sobre os outros, terá

maiores condições de aprender. Nesse ponto, o papel do educador é fundamental, sendo seu desempenho um bloco de construção da afetividade na criança.

Contudo, para cinco professores é preciso além de demonstrar afeto é importante que o professor tenha autoridade em sala de aula, que construa regras e imponha limites para que os alunos compreendam e cumpram seus deveres no ambiente escolar.

O posicionamento dos professores está de acordo com o que é defendido por Eccheli (2008, p. 210) considerando que ter autoridade não é sinônimo de ser autoritário. O primeiro significa ter o domínio da situação, fazendo-se obedecer através da sua influência e prestígio perante os alunos, enquanto que ser autoritário é ser impositivo e até agressivo em algumas decisões, procurando se impor às custas do medo dos alunos de sofrer algum tipo de punição.

A autora ainda complementa que autoridade e respeito são atitudes que implicam em mútua aceitação entre professores e alunos, necessária não só para o bom rendimento do trabalho escolar, mas também, e principalmente, para o desenvolvimento da disciplina internalizada dos alunos.

Categoria B: Fatores que podem levar o aluno ao desinteresse pelas aulas

Para os professores respondentes a causa do desinteresse dos alunos às aulas é decorrente de uma soma de fatores, entre os quais se evidenciam: “a política falha do sistema educacional do país”, “a desvalorização do trabalho do professor”, “as condições de infraestrutura inadequadas nos prédios escolares”, “os métodos de ensino impróprios e inadequados”, “o sistema de aprovações que privilegia a queda do analfabetismo no país, mas que não leva em consideração se o aluno realmente aprendeu ou não”, “a falta de comprometimento deste com a escola, pois sabe que ao final do ano letivo acaba passando de ano”, “a queda das notas”, “as dificuldades de aprendizagem” e a “evasão escolar”.

Além destes, outros fatores destacados pelos professores foram: “carências afetivas”, “deficiências nas condições de nutrição, habitação, higiene e de saúde das famílias”, “falta de estímulo cultural, lúdico e psicomotor” e “problemas nas relações familiares”.

As respostas dos professores vão de encontro ao destacado por Zagury (2006, p. 35), onde destaca que o professor pode e deve ajudar a despertar o

interesse dos alunos, mas existem muitos outros fatores que contribuem negativamente para a motivação, tais como: falta de material adequado, falta de apoio da família e falta de perspectiva para o futuro.

O autor complementa ainda que diante desses problemas o professor tem que tentar ser criativo e fazer o possível para amenizá-los, mas é evidente que se torna mais difícil driblar o desinteresse do aluno quando este tem mais de uma motivação.

De acordo com os professores respondentes quando as crianças recebem um bom estímulo de casa e a família acompanha o processo de educação, ajuda no dever de casa, comparece às reuniões e sempre mantém contato com os professores, essas crianças tendem a obter um melhor desempenho escolar. Já quando os pais são ausentes ou quando a criança tem um vínculo familiar ruim, ela tem tendência a apresentar autoestima prejudicada e distúrbios na aprendizagem.

Uma professora relatou: “É frustrante para mim, quando peço para que a família venha conversar sobre o aluno, e quando vou explicar o problema que está ocorrendo, pedir para que me ajudem, ouço dos responsáveis que eles já não sabem o que fazer que eu faça o que achar melhor”.

Dez professores também reclamaram que raramente os responsáveis pelos alunos comparecem às reuniões para saber como está o aprendizado do aluno, mas quando ocorre um corte do benefício de algum programa de assistência às famílias pelo governo devido às faltas, eles comparecem para fazer reclamações. Cinco professoras expressam a sua indignação ao relatar que “os pais chegam a escola para reclamar o porquê do benefício da Bolsa Família foi cortado, mas raramente comparecem para questionar o por que a criança está com problemas de aprendizagem ou comportamento”.

As posições dos professores estão de acordo com Scoz (1994, p. 71) que destaca que a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Segundo o autor, os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, gerando desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar.

Categoria C: O trabalho do professor em sala de aula e sua interação com os alunos

Ao serem indagados sobre como motivam seus alunos em sala de aula, os professores foram unânimes em dizer que se esforçam. Isto fica explícito em suas respostas onde afirmam que dão o melhor de si, procuram trazer atrativos que os motivem, assuntos e trabalhos interessantes, aulas expositivas com material diversificado, músicas, vídeos, dramatizações, recorte, colagens, pesquisas e atividades lúdicas.

Quando questionados sobre quais estratégias utilizam para motivar os alunos três professores responderam que usam aulas expositivas com material diversificado, musicalização, vídeos, dramatização e leitura de livros. Dez professores responderam que usam trabalhos diferenciados, apresentação de vídeos, recortes, colagens, pesquisas, atividades lúdicas, participação oral, monitoramento e trabalho em grupo.

A atitude dos professores em buscar estratégias que levem os alunos a se interessarem pelos estudos e atingir as metas previstas, que consistem na aprendizagem e desenvolvimento integral dos alunos, vêm de encontro ao posicionamento de Pozo (2002, p.142) o qual explica que a motivação não depende só dos motivos que temos, mas do sucesso que esperamos se tentamos alcançá-los.

No que se refere à relação professor-aluno de forma geral os professores responderam que tem uma boa relação com os alunos. Apenas três professores responderam que procuram ser enérgicos para garantir a disciplina e conseguir cumprir o seu papel de educador. Os demais relataram que procuram se colocar no lugar do aluno para entendê-lo e auxiliá-lo no aprendizado.

Em contraposição ao que os professores que alegam ser enérgicos, para Eccheli (2008, p. 201) conseguir que os alunos se sintam motivados para aprender é o primeiro passo para a prevenção dos problemas de comportamento. Os professores desejam alunos que saibam respeitar os seus colegas e que consigam se engajar em atividades que exijam concentração e esforço para aprender. Porém, isso não é sinônimo de aluno passivo e silencioso o tempo todo. O silêncio, tão desejado em sala de aula, nem sempre é garantia de aprendizagem, pois o aluno aprende quando participa ativamente de uma atividade, executando alguma tarefa, ouvindo as diferentes formas de percepção dos demais frente a um assunto e tendo

a oportunidade de argumentar as suas ideias através de grupos de discussão ou debates.

Em relação aos alunos que se recusam a participar das atividades em sala, os professores alegaram que estes frequentam sala de apoio para recuperar as defasagens de aprendizagem. Contudo, pode-se perceber que não há um planejamento diferenciado para este grupo de alunos dentro da própria sala de aula.

Tal postura difere-se do que é destacado por Zagury (2006, p. 35), em que afirma que o professor deve ser um pesquisador de suas próprias atitudes e das atitudes dos alunos e estar disposto a realizar mudanças nas formas de trabalho conforme a realidade de cada turma, que envolve as características dos alunos.

A partir dos relatos dos professores é possível perceber que os mesmos sentem-se frustrados diante do fato de prepararem aulas atrativas para os alunos e, em alguns casos, estes não corresponderem as suas expectativas.

Frente a esta visão, verifica-se que os professores tanto os mais antigos quanto os recentes têm um bom entendimento a respeito dos problemas de aprendizagem e desinteresse dos alunos, pois entendem que na maioria das vezes estes problemas não ocorrem por culpa do aluno, mas são decorrentes de fatores externos a ele.

Porém, não basta ter um bom entendimento sobre estes problemas, é preciso saber administrá-los para não conduzir o aluno ao fracasso. Ter alunos alheios e desinteressados pelos estudos não é tarefa fácil, pois requer um professor com olhar diferenciado frente a sua prática pedagógica.

Nas respostas dos professores foi possível perceber que cinco dos professores variando entre mais experientes e iniciantes, com apenas uma jornada de trabalho e outros com duas ou três jornadas de trabalho, alegam que a culpa do fracasso e desinteresse do aluno é culpa dele mesmo ou da família. Os mesmos alegam que “fazem de tudo para que ele aprenda, mas ele não está nem aí!”. Contudo, não foi percebido em sala de aula um trabalho individualizado, buscando integrar alunos considerados desinteressados ou desmotivados em relação às aulas, e que necessitam de uma metodologia e um olhar diferenciado por parte do professor para conseguir aprender.

Para os demais (oito professores) apesar das dificuldades que surgem ao longo do ano estão conseguindo realizar um bom trabalho pedagógico junto aos

alunos e atender as particularidades específicas de cada criança, com o auxílio dos demais professores, coordenação e direção.

Considerações finais

A reflexão dos resultados obtidos na pesquisa possibilitou a percepção de que existem muitos fatores apontados pelos professores em relação ao desinteresse dos alunos, entre eles: a política falha do sistema educacional do país, a desvalorização do trabalho do professor, as condições de infraestrutura inadequadas nos prédios escolares, os métodos de ensino impróprios e inadequados, o sistema de aprovações que privilegia a quantidade sobre a qualidade, além de carências afetivas, deficiências nas condições de nutrição, habitação, higiene e de saúde das famílias, falta de estímulo cultural, lúdico e psicomotor e problemas nas relações familiares, falta de comprometimento da família e do próprio aluno, dificuldades de aprendizagem e a evasão escolar.

Contudo, na escola pesquisada uma das questões primordiais levantadas pelos professores está na relevância do papel da família na motivação das crianças pelos estudos, sendo que a falta do cumprimento desta tarefa, percebida pelo fato de as crianças não realizarem a lição de casa, não serem questionados sobre como estão indo nos estudos, pelo não comparecimento dos responsáveis à escola de forma espontânea ou até mesmo quando solicitados, por não haver uma continuidade em casa do trabalho realizado na escola. Muitas vezes quando os professores estão conseguindo obter algum progresso com o aluno ocorre um problema familiar e isto se reflete em sua aprendizagem, e a família, não se posiciona como parceira da escola para enfrentar estes problemas.

Outro problema identificado de forma implícita nas respostas dos professores se refere à prática pedagógica, que muitas vezes ao atribuir a culpa do desinteresse dos alunos aos problemas familiares, questões socioeconômicas, políticas, de infraestrutura e culturais da escola e da comunidade, acabam se esquivando de sua própria responsabilidade no que se refere à aprendizagem dos alunos. É possível perceber que alguns deles diante dos problemas apresentados, direcionam a aula a um número reduzido de alunos durante as aulas, somente para aqueles que consideram bons e participam ativamente das aulas, ficam a espera que alguém solucione o problema daqueles que mereciam de maior atenção, ao

invés de refletir sobre a sua prática pedagógica e planejar atividades desafiadoras e motivadoras, que contemplassem as necessidades individuais de cada aluno.

A partir dos estudos realizados, da observação e análise dos dados obtidos por meio da pesquisa, verifica-se que não existe um projeto que envolva a escola pesquisada e a família para solucionar o problema da desmotivação. De acordo com as respostas dos professores percebe-se que a escola e os profissionais que nela atuam tentam ensinar, mas muitas vezes nem todos os professores conseguem obter êxito com a maioria dos alunos.

Os professores se deparam com situações em que os pais delegam a educação dos seus filhos para a escola. Muitas famílias acreditam que a função da escola é ensinar, impor limites e cuidar das crianças enquanto trabalham. Nesse sentido, sugere-se que a escola, mantenha uma relação aberta com os pais e responsáveis, para que estes assumam suas responsabilidades, incentivando os filhos a estudar, matriculando-os, fazendo com que permaneçam e se desenvolvam integralmente no ambiente escolar.

A escola precisa tomar a iniciativa de aproximar os pais do ambiente escolar por meio de palestras que possuam em seu conteúdo informações interessantes tanto para os pais como para os filhos, atividades que apresentem o que os estudantes realizam todos os dias, construindo juntamente com eles o Projeto Político Pedagógico da escola, momento em que a comunidade pode refletir e apontar quais são suas reais necessidades no que se refere a educação escolar, reuniões para o acompanhamento do progresso do aluno mensalmente, reuniões com profissionais especializados para interagir com a família demonstrando qual a sua verdadeira função na vida dos filhos e tantas outras atividades que são fundamentais para estreitar os laços de relação entre escola e família.

De acordo com Fita (1999, p. 127) não existem receitas mágicas que melhorem a motivação dos alunos. Com efeito, na prática pedagógica, o professor precisa estar atento para perceber as particularidades de cada aluno em sua turma, as dificuldades, as frustrações, as habilidades, potencialidades, formas de aprendizagem, enfim, perceber as características mais evidentes e buscar sempre novos caminhos para as dificuldades que surgem todos os dias, procurando dessa maneira favorecer e reforçar a decisão de aprender.

Nesse contexto, o professor deve fundamentar seu trabalho conforme as necessidades de seus alunos, considerando as ansiedades que permeiam sua vida, aproveitando as vivências que o aluno já tem e traz para a escola no momento de montar o planejamento, incluindo temas que tenham relação à realidade do aluno, a sua história de vida, respeitando a sua vida social, familiar, sendo paciente e compreensivo com o aluno, dando carinho e limites na medida certa, respeitando-o e valorizando-o, procurando elevar a autoestima do aluno demonstrando que ele é capaz de aprender a partir da utilização de estratégias variadas e atividades desafiadoras.

Ao lado de outras medidas, como aperfeiçoamento profissional do professor, livros e materiais pedagógicos adequados a todos os alunos, condições de infraestrutura da escola é imprescindível que o professor realize sua atividade profissional com amor, entusiasmo e comprometimento, para incutir nos alunos o desejo de querer aprender. Além disso, precisa buscar formas de conseguir a adesão da família para sua tarefa de desenvolver nos educandos atitudes positivas e duradouras com relação ao aprender e ao educar.

Levando em conta todos os fatores apontados pelos professores e pelos estudos realizados a respeito da desmotivação dos alunos pela aprendizagem escolar ligados a questões políticas, econômicas, sociais, familiares, pedagógicas ou intrínsecas ao próprio aluno, chega-se a conclusão de que para despertar o interesse nos alunos em aprender, a escola precisa rever seu papel social, sendo estruturada dentro de um processo educativo em todos os aspectos quantitativos e qualificativos, em parceria com a família e com os profissionais que nela atuam, possibilitando a tomada de medidas preventivas de apoio e resgate do aluno, com vista à construção de uma sociedade mais justa do que a que vivenciamos atualmente, na qual exista o prazer de ensinar e o prazer de aprender.

As reflexões sobre o tema contribuem para a construção de uma nova educação baseada no prazer, na alegria e na liberdade em que o desenvolvimento da criança possa ser respeitado e garantido a partir da participação e do comprometimento por parte da família, da escola, do professor e do aluno.

Referências Bibliográficas

BINI, L. R.; PABIS, N. **Motivação ou interesse do aluno em sala de aula e a relação com atitudes consideradas indisciplinadas.** Revista Eletrônica Lato Sensu – ano 3, nº1, p. 1-19, 2008.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 2013.

CARNEIRO E SILVA, Jamile B. e SCHNEIDER, Ernani José. **Aspectos sócio-afetivos do processo de ensino e aprendizagem.** Revista de divulgação técnico-científica do ICPG, Vol. 3 n. 11 - jul.-dez./2007. Disponível em: <<http://www.scribd.com>>. Acesso em: 26 Abr. 2014.

ECCHELI, Simone Deperon. **A motivação como prevenção da indisciplina.** Editora UFPR, Educar, Curitiba. 2008, n. 32 p.199-213. Disponível em: <<http://www.sciello.br/pdf/er>>. Acesso em: 10 Jul. 2014.

FITA, E. C. O professor e a motivação dos alunos. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é como se faz.** 7. ed. São Paulo, Loyola, 2006.

HUERTAS, J. A. **Motivación: querer aprender.** Buenos Aires, Aique, 2001.

JUNDIAÍ DO SUL. Escola Municipal Professora Vilma Vieira Pereira Marques. **Projeto Político Pedagógico.** 2012

KNUPPE, L. **Motivação e desmotivação: desafio para as professoras do Ensino Fundamental.** Editora UFPR. Educar, Curitiba, n. 27, p. 277-290, 2006.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem.** Porto Alegre, Artmed, 2002.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação.** Porto Alegre, Artmed, 1999.

SAVIANNI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 10. ed. Campinas, Autores Associados, 2008.

SCOZ, Beatriz, **Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem.** 6 ed. Petrópolis, Vozes, 1994.

SILVA, Daniella Neves da. **A Desmotivação do Professor em Sala de Aula, nas Escolas Públicas do Município de São José dos Campos - SP.** 2012. 52 f. Monografia (Especialização em Gestão Pública Municipal) – Educação à distância - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

TAPIA, J. A; FITA, Enrique C. **A motivação em sala de aula: o que é como se faz.** São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2003.

TAPIA, J. A. Contexto, motivação e aprendizagem. In: TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.** 4. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

TORRE, J. C. Apresentação: a motivação para a aprendizagem. In: TAPIA, J. A. FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz.** 7. ed. São Paulo, Loyola, 2006.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(In) Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** 15.ed. São Paulo, Libertad, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo, Martins Fontes, 1991.

ZAGURY, Tânia. **O professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil.** Rio de Janeiro, Record, 2006.

ZENTI, L. **Aulas que seus alunos vão lembrar por muito tempo: motivação é a chave para ensinar a importância do estudo na vida de cada um de nós.** Nova Escola, São Paulo: Abril, v. 134, ago. 2000.

WACHOWICZ, Lílian Anna. **Pedagogia mediadora.** Petrópolis, Vozes, 2009.